

Pesquisa e formação: quais articulações possíveis? Notas sobre a linha editorial da revista *Transformações em Psicologia** ;**

Research and training: what possible joints? Notes on the magazine's editorial line *Transformações em Psicologia*

Carina Ferreira Guedesⁱ

Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, Brasil

Resumo

Este depoimento, proferido na mesa "produtividade e prática acadêmica" durante a XIII Semana de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, apresenta o processo de construção da revista *Transformações em Psicologia*, bem como desenvolve considerações e reflexões acerca de sua linha editorial: a articulação entre pesquisa e formação em psicologia.

Palavras-chave: psicologia, formação do psicólogo, pesquisa.

Abstract

This statement, pronounced at the "Productivity and Academic Practice" session during the XIII Week of the Psychology Institute of Psychology, University of São Paulo, presents the construction process of the journal *Transformações em Psicologia* and develops considerations and reflections about its editorial line: the link between research and training in psychology.

Key-words: psychology, psychologist education, research.



* O presente depoimento foi proferido durante a XIII Semana de Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, na mesa intitulada Produtividade e Prática Acadêmica, em novembro de 2008 e reflete um momento de constituição da revista, anterior a publicação de seu primeiro número. Desde então, a manutenção do periódico tem suscitado novas reflexões a seus participantes. Tal andamento nas reflexões, porém, de forma alguma invalida o registro de nosso percurso, mesmo porque muito deste percurso veio a reafirmar nossas teses iniciais, conforme apresentamos nos editoriais das edições posteriores.

** A revista *Transformações em Psicologia* é uma publicação científica organizada pelos estudantes do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, cuja primeira edição foi lançada em dezembro de 2008, embora a iniciativa tenha se iniciado um ano antes do lançamento. Ela se destina à publicação de ensaios, artigos de reflexão e relatos de pesquisa, bem como traduções e resenhas, escritas por estudantes, tanto da graduação, quando da pós-graduação em Psicologia e que estejam de acordo com a linha editorial aqui desenvolvida. Mais informações podem ser encontradas no site: <http://www.ip.usp.br/transformacoes/>

O convite para a participação da revista *Transformações em Psicologia* na mesa sobre o tema “Produtividade e Prática Acadêmica” logo nos trouxe a questão: o que temos a dizer sobre isso? Poderíamos contar da nossa experiência de criação do periódico, como foi este processo, mas com certeza se ficássemos apenas nisso, estaríamos não só empobrecendo este espaço, como também sendo contraditórios com nossa própria proposta. Realizarei uma breve retomada da história da revista, focando nas questões e reflexões que nos deparamos e temos nos deparado, a partir do prisma de sua linha editorial.

Desde a ideia inicial de criação de uma revista, foram necessárias muitas conversas, com editores de outras revistas, com bibliotecários, com professores, até “amadurecer” a ideia. Brincamos hoje em dia que, quando decidimos que queríamos criar uma revista, não sabíamos muito bem o que estávamos fazendo. Dessas conversas, colhemos muitos elogios, todos gostavam muito da nossa iniciativa; até que um dia alguém nos questionou: mas por que publicar na revista de vocês e não em outra? Estavam nos perguntando sobre a nossa linha editorial.

Na época, o que tínhamos em mente era o foco nos estudantes. A revista era para ser criada, editada e escrita por estudantes, tanto da graduação, quando da pós-graduação, era este o marco da revista. Porém, tal foco, além de ser por si só um tanto amplo, não traduzia na linha editorial o que queríamos da revista e o que queríamos com a revista.

Uma das perguntas que nos fazíamos era: mas o que iremos querer ler na “nossa” revista? O que vamos querer publicar? Basta ser escrito por um estudante? Acreditávamos que não. Pensávamos: um artigo que apenas apresentasse dados de pesquisa, não queríamos. Queríamos reflexões, questões que surgissem de pesquisas, críticas à Psicologia atual, etc. Mas como delimitar isso em uma linha editorial?

Formulamos: o que queríamos com a revista era criar um espaço de discussão e reflexão sobre temas relacionados à pesquisa e à atuação em sua interface com a formação.

Também se fazia necessário justificar este espaço: por que achávamos que ele era necessário? Partíamos, neste aspecto, de duas visões, ou pressupostos: a primeira era de que a formação em Psicologia, bem como as produções científicas atuais, está inserida no contexto político, econômico e cultural da contemporaneidade. A segunda era de que este contexto encontra-se, cada vez mais, orientado pelo produtivismo, afastando a formação da esfera crítica.

Entendemos como produtivismo a ideologia que possui como núcleo o pragmatismo, em seu âmbito filosófico, e a mercadorização da ciência e da inovação tecnológica, em seu âmbito econômico. Tal ideologia consistiria tanto em uma política de Estado, quanto de uma cultura institucional, reproduzida no cotidiano alienado da Universidade (SILVA JÚNIOR, 2008). Entretanto, acreditamos que é possível haver produções, e também periódicos, que sejam científicos e acadêmicos e que resistam ao produtivismo.

A linha editoria da revista era, portanto, um meio de posicionar-se criticamente em relação à ideologia produtivista. Pretendíamos criar um veículo de difusão científica, norteado pela reflexão crítica sobre a pesquisa e o ensino de Psicologia. E isso certamente passava pelo resgate do sentido da publicação. O nosso objetivo, nesse sentido, era o de divulgar textos que problematisassem a realização da prática científica e caracterizem sua importância no campo da formação.

Entretanto, no decorrer do processo de avaliação dos manuscritos e das questões suscitadas aos pareceristas na elaboração dos pareceres, percebemos que esta articulação entre pesquisa e formação, não é uma articulação simples, muito menos

automática. Notamos uma tendência, de todas as partes (autores, corpo editorial e pareceristas) de reduzir tal articulação a um parágrafo à parte no final do manuscrito no qual contava uma opinião particular do pesquisador acerca da relevância da pesquisa realizada para a sua formação individual ou da importância de pesquisas/ações semelhantes nas grades curriculares dos cursos de Psicologia. Se, em um primeiro momento, também consideramos que esta 'explicitação' era a articulação possível, após discussões e reflexões, consideramos que elas eram insuficientes para a nossa proposta de discutir a formação em Psicologia a partir das práticas que a atravessam. Mais ainda, percebemos que a discussão pretendida já estava contemplada no decorrer dos manuscritos, tornando tal explicitação além de reducionista, desnecessária.

Em um polo aparentemente oposto, também recebemos manuscritos que apenas desenvolviam a ideia do ensaio, do artigo de reflexão ou do relato de pesquisa. Manuscritos que aparentavam terem sido enviados à revista *Transformações em Psicologia* apenas pelo fato de terem sido escritos por estudantes, em uma universidade. Para estes manuscritos, questionávamos (e questionávamo-nos): ao mesmo tempo que parece tão óbvio o seu caráter de formação, será que é mesmo? Ainda mais quando partimos da constatação da prevalência de uma esfera produtivista no tocante à formação e à prática científica, será que podemos nos poupar deste esforço de articular formação e pesquisa?

Fomos então desenvolvendo algumas considerações sobre o que entendíamos ser o "espaço" da revista a partir da articulação entre a proposta da revista e as dificuldades que encontrávamos: estas, longe de serem 'erros' de expressão ou de compreensão da linha editorial do periódico, diziam algo sobre as dificuldades e o momento

atual da relação entre a pesquisa e a formação.

Notamos que, hoje em dia, tanto a pesquisa quanto a formação são realizadas de forma predominantemente individuais. Com isso, consideramos que ambas, pesquisa e formação, ganham caráter privativo e afastam-se de seu sentido e relevância originais, tornando-se práticas estéreis. O objetivo da revista, assim, é resgatar o sentido do ato de pesquisar e da formação como um ato coletivo e público.

Com a criação desta revista, acreditamos que contribuímos para este resgate a partir de dois momentos: primeiro, tendo em vista a condição da pesquisa ser realizada por estudantes, pela articulação entre a pesquisa e a formação no próprio ato da pesquisa. Segundo, pela criação e sustentação de um espaço que, através da interlocução, autentique a pesquisa enquanto uma prática científica: coletiva e aberta ao debate.

Opomo-nos à pesquisa que, como decorrência do produtivismo, transforma estudantes em mão-de-obra, retirando-lhes a possibilidade de se implicarem em seu caráter científico, furtando-se ou restringindo a abertura para o debate e a contestação. O resultado deste processo é a redução das divergências epistemológicas e conceituais a meras diferenças de opinião e o esquecimento do caráter de construção coletiva que é a marca da ciência.

Opomo-nos, da mesma forma, à formação e às práticas acadêmicas quando estas são feitas isoladamente, quando acabamos (sendo vítimas e produtores desta situação, simultaneamente) por nos tornar máquinas de produção de trabalhos em série, fazendo créditos ao invés de disciplinas, participando de uma pesquisa sem sequer nos perguntar qual o sentido e a relevância dela.

Algumas vezes, ao dizermos sobre esta reflexão necessária acerca da

formação para que o texto se adeque à linha editorial da revista, ouvimos que 'mas aí, para pensar sobre o que esta pesquisa tem a ver com a formação, dá outra pesquisa!'. A princípio, até concordamos; de fato, dependendo do modo como for feita esta articulação, pode ser outra pesquisa mesmo. Entretanto, a questão talvez seja pensar: que jeito é este de conceber a pesquisa que, estando ela em uma universidade, sendo feita por estudantes e, considerada parte da formação desses estudantes, não tem a ver com a formação? Que pesquisa é esta que estamos fazendo?

Assim, com a proposta editorial da revista, queremos dizer que, muito além de uma opinião particular acerca da importância da pesquisa para a formação individual do pesquisador em questão, privilegiamos textos que discutam, a partir da própria pesquisa, a sua relevância no tocante à formação do psicólogo e da Psicologia. Isso porque acreditamos que a discussão sobre esta formação apenas pode ocorrer de

maneira produtiva caso seja feita a partir das práticas que a atravessam, do mesmo modo com que a produção da pesquisa necessita de um olhar crítico sobre as práticas a ela relacionadas.

Consideramos que, por um lado, a consolidação deste espaço da revista, espaço de debate, de circulação de ideias, depende de um contínuo esforço e está condicionada pelo cultivo de uma cultura do ato de pesquisar como uma prática coletiva e pública. Por outro lado, apostamos que sua própria existência pode potencializar esta mesma cultura, da qual, paradoxalmente, ele depende. Nossa tese é de que a manutenção deste espaço, bem como o fortalecimento de uma cultura que se contraponha ao produtivismo, pode criar condições para que este esforço de articulação entre pesquisa e formação possa ser realizado mais facilmente. Além de nossa tese, esta é também nossa aposta e o motivo pelo qual a revista foi criada. Não é à toa que ela foi criada por estudantes em seu processo de formação.■

Referências bibliográficas

Silva Júnior, J. dos R. (2008). Mudanças nas Universidades Públicas no contexto da mundialização do capital. *São Paulo, EccoS – Revista Científica*, 10, n. especial, p.95-131.

Recebido em: 18/02/2009

Revisado em: 11/08/2010

Aceito em: 05/09/2010

Sobre a autora:

ⁱ **Carina Ferreira Guedes** é bacharel em psicologia e psicóloga pela Universidade de São Paulo. Atualmente cursando a licenciatura em Psicologia, como graduanda, na mesma Universidade. Editora da revista Transformações em Psicologia. **E-mail:** carinafguedes@yahoo.com.br



“Escola de Ciência da Informação”, por Isabella Lima.